



OLIVEIRA FILHO, S. L. de. Africanidade e preconceitos na Escola Quilombola Maria de Arruda Müller: um relato de experiência. **Revista Falange Miúda (ReFaMi)**, ano 2, n. 2, jul.-dez., 2017. [www.falangemiuda.com]



AFRICANIDADES E PRECONCEITOS NA ESCOLA ESTADUAL QUILOMBOLA MARIA DE ARRUDA MÜLLER

Um relato de experiência *

SIDNEY LOPES DE OLIVEIRA FILHO

RESUMO: este ensaio tem como objetivo apresentar os aspectos das identidades culturais e religiosas que se manifestam na Escola Estadual Quilombola Maria de Arruda Müller e também, a recusa e o preconceito que os mesmos despertam em alguns de seus formadores. A metodologia utilizada é a de relato de experiência na ótica de Elias (2014), por meio da qual se dará o relato da comemoração do Dia da Consciência Negra. Esperamos com isso denunciar o preconceito que alguns docentes têm sofrido em relação a suas manifestações culturais e religiosas e com isso trazer a público a realidade que a comunidade negra candomblecista e umbandista tem sido exposta.

PALAVRAS-CHAVES: Religiões afro-brasileiras. Umbanda. Educação quilombola.

* Artigo produzido sobre a orientação do professor Claudio Alves Benassi. Coordenação de Ensino de Graduação de Libras (CEGLibras). Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT).





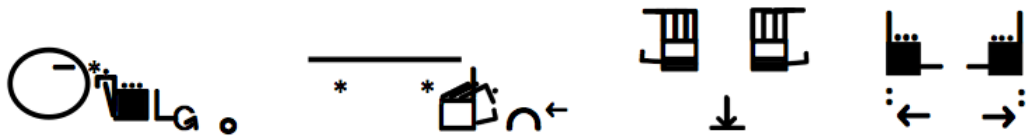
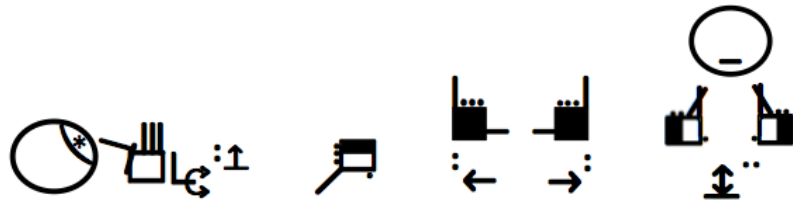
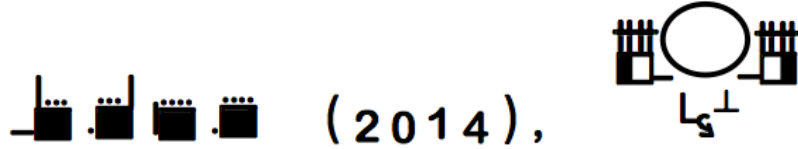
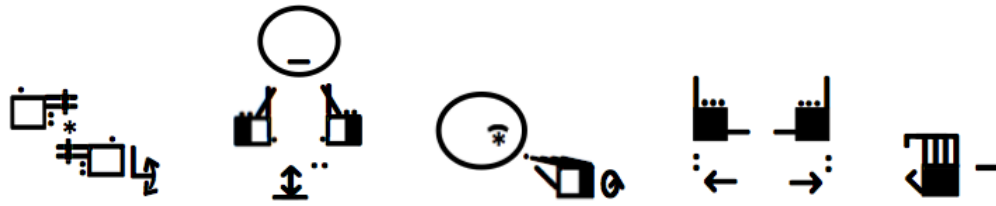
Secção Artigos Livres



A collection of various icons and symbols, many featuring a hand holding a pen or a similar writing instrument. Some icons include asterisks, circles, and other markings. The symbols are arranged in several rows and columns, with some appearing to be variations or related concepts of the primary hand-and-pen motif.

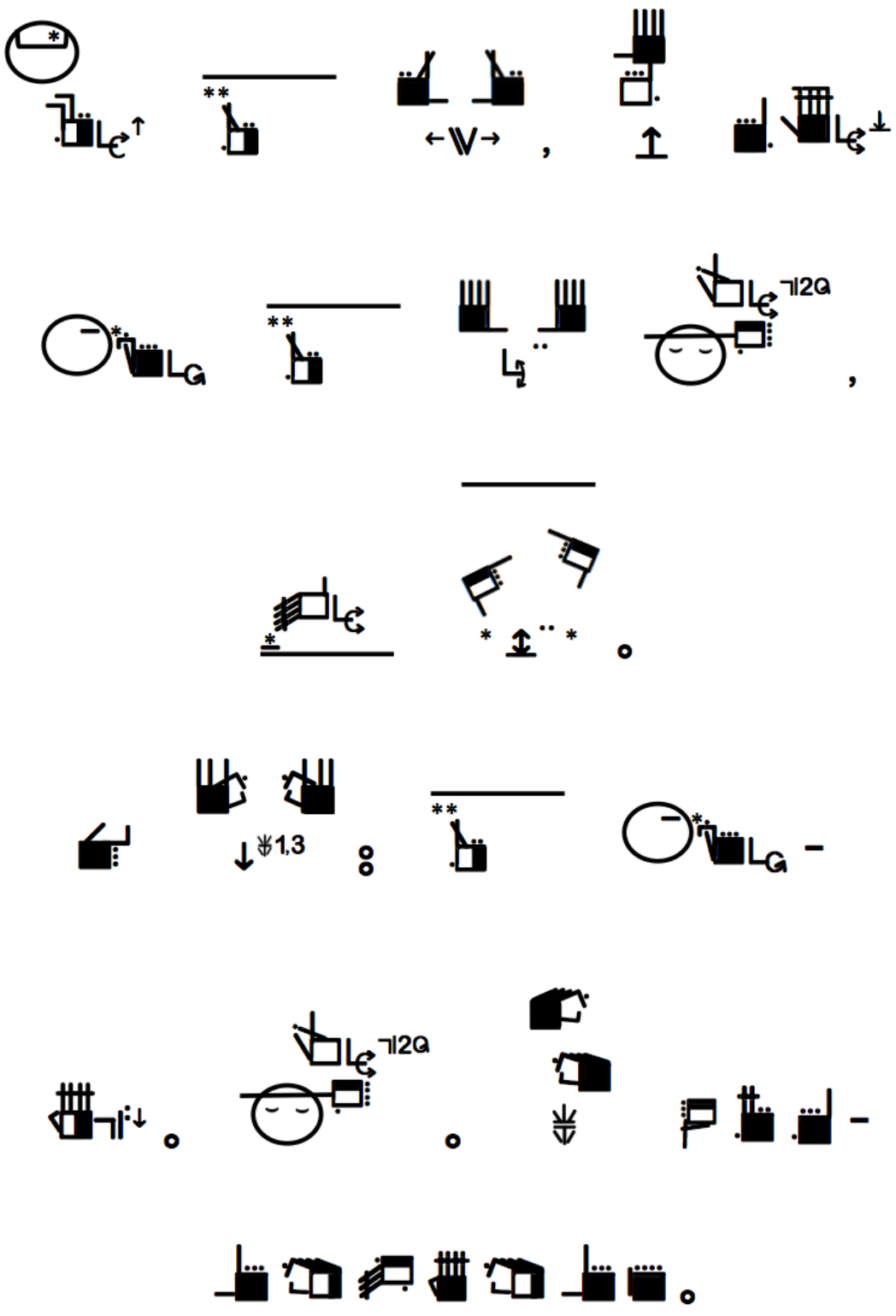


Seção Artigos Livres





Secção Artigos Livres





1. INTRODUÇÃO

Este ensaio tem como principal objetivo, apresentar os aspectos das africanidades culturais e religiosas presentes no dia a dia escolar da Escola Estadual Maria de Arruda Müller, situada na zona rural do município mato-grossense de Santo Antônio do Leverger. Esta escola caracterizada por atender remanescentes de quilombolas. Além disso, denunciar a recusa e o preconceito existente entre os docentes da referida escola, principalmente, em relação as religiões afro-brasileiras.

Para esta narrativa, escolhemos o gênero textual relato de experiência, gênero “pertencente ao domínio social da memorização e documentação das experiências humanas”, que segundo Elias (2014), as situa no tempo. Para a autora, este gênero serve-se de “relatos em diários íntimos, diários de viagens, notícias, reportagens, crônicas jornalísticas, relatos históricos, biografias, autobiografias, testemunhos, entre outros”.

Ainda para Elias (2014), além de linguagem clara, envolvente e cativante, as marcas individuais de autoria que no texto são reveladas, fazem a diferença nesse tipo de narrativa, pois “[...] o autor se coloca como sujeito de um experiência que mobilizou sentimentos”. A experiência relatada, quase nunca é solitária. A linguagem caracteriza-se pelo uso de verbos em primeira pessoa, uso de adjetivos que aproximam o leitor das experiências narradas pelo autor.

A referida escola atende a 365 alunos, distribuídos em três períodos letivos, a saber: 148 no matutino, 131 no vespertino e 86 no noturno. Esse atendimento é proporcionado por 30 docentes e 19 técnicos administrativos. A estrutura física da escola, atualmente, pode ser caracterizada como precária, necessitando de reforma e reparos em vários equipamentos com urgência.

A escola tem promovido, rotineiramente, eventos e comemorações durante o ano letivo. Desses, queremos enfatizar aquele que evoca, primordialmente, as identidades negras, ou seja, a comemoração do dia da consciência negra. O evento foi realizado no dia 02 de dezembro, com início às 19:00 h. e encerramento às 22:00. Na ocasião compareceram ao evento docentes e técnicos (não em sua totalidade), familiares e acadêmicos maciçamente.

No evento foram realizadas diversas atividades culturais e artísticas cujo principal mote estava ligada à identidade afro-brasileira. Dentre essas, destacaremos: 1) o jogo de capoeira; 2) a dança maculelê e 3) a indumentária religiosa, sobre a qual, recaiu o olhar preconceituoso e a





alteridade condicionada de alguns docentes da Escola Estadual Quilombola Maria de Arruda Müller.

2. A EXPERIÊNCIA

A capoeira como bem sabemos é uma expressão cultural de origem afro-brasileira, desenvolvida por descendentes de escravizados africanos. Ela caracteriza-se por apresentar movimentos ágeis e complexos que são executados primeiramente com chutes e rasteiras. Também são utilizadas a cabeça, os joelhos e os cotovelos para executar golpes e acrobacias áreas. Para Santos:

A capoeira constitui um elemento da cultura corporal que se apresenta ambigualmente como jogo, luta, dança. A dinâmica histórica da capoeira, produzida numa ambiência de marginalidade; aliança com o poder; estreita ligação com a classe trabalhadora e vínculos com negros escravos e libertos produziu uma série de discursos sobre a capoeira que vêm interferindo no olhar que se tem sobre esta e nas identidades assumidas pelos capoeiristas (2004, p. 47,48).

Segundo a autora, as origens da capoeira estão historicamente marcadas pela marginalidade, ao ponto de ser considerada crime em 1890. Ao longo de seu percurso histórico, deixou de ser considerada ilegal e passou a ser aceita como elemento étnico da cultura nacional, ginástica e até esporte nacional. A capoeira passou a também fazer parte das práticas esportivas da classe média, sendo assumida por segmentos como esporte e institucionaliza-se em federações, integra currículos escolares e ocupa certo espaço na mídia (SANTOS, 2004, p. 48).

O maculelê por sua vez, é uma espécie de bailado, associado ao Orixá Oxum – Nossa Senhora da Conceição por sincretismo – em que os participantes, originalmente do sexo masculino, negros, lábios pintados de vermelho, vestidos de banco ou sem camisa, cantam e dançam entrechocando as grimas – espécie de bastões feitas de madeira, ao som de tambores. O maculelê é evocativo de determinadas partes dos congos e moçambiques no Brasil. Em Portugal, dos pauliteiros de Miranda do Ouro. Segundo Leopoldino e Chagas (2012, p. 03,04):





O maculelê é uma cultura tradicional de Santo Amaro da Purificação, Bahia que remonta o período colonial (1500-1822), lembrando a memória dos negros escravizados e trazidos para terras estrangeiras e acabando por incorporar outros elementos culturais. O mote central do maculelê é a luta de um povo que desejava liberdade, através de danças com bastões e ritmos que lhe são peculiares, levando o brincante de maculelê a momentos de fantasia e recordação de experiências vividas pelos nossos antepassados, conservados na memória daquele que insiste em mantê-los lembrados. Esses momentos são protagonizados por corpos que dançam para reviver tal memória, recriando-a de variadas maneiras.

Como visto, o maculelê enfatiza as origens do povo negro e as recordações das experiências vividas pelos que os antecederam, mantendo assim viva as suas raízes. Por último, a indumentária religiosa afro-brasileira está presente principalmente nos festejos ritualísticos do Candomblé e da Umbanda. Nos tais eventos, mães, pais, filhos de santo e médiuns se vestem com roupas de origem africana ou com as roupas de seus Orixás ou Guias, para os cultuarem e também, facilitar o acoplamento áureo no momento da incorporação.

Segundo Freire e Barros (2015, p. 1205) “A roupa tem uma linguagem que é sua, é um instrumento de distinção, concede status a uma casa. Esse sistema relacional deve ser pensado no sentido de Arte”. Conforme mostram os autores, a roupa ritualística é usada como um aspecto de distinção, de marca. Além disso, confere a casa, barracão ou terreiro, local de destaque que se atribui partindo da indumentária apresentada.

Figura 01. À esquerda alunos representam cena escravagistas. À direita, dançam maculelê.



Fonte: Acervo do autor.

Estas três manifestações de africanidades estiveram presentes nas apresentações culturais e artísticas, na comemoração relativa ao dia da Consciência Negra, na Escola Estadual Quilombola Maria de Arruda Müller. Várias coreografias tiveram como mote inicial a escravatura, por meio da representação de negros acorrentados, que em determinado momento se libertavam





de seus grilhões, fato que evoca a reflexão e a busca pela liberdade das cadeias contemporâneas que nos prendem e com isso, afetam nosso crescimento humano.

A capoeira e o maculelê foram utilizados brilhantemente pelas docentes que encabeçaram a organização cultural e a preparação artística das apresentações. Nessas apresentações, a componente identitária afro-brasileira evocando as origens do povo negro, está normatizada: dança, esporte, expressão cultural que foram devidamente incorporadas no dia a dia da sociedade que as aceitam.

No entanto, nota-se que a alteridade, o constituir-se com o outro dessa sociedade que incorporou expressões culturais negras, está condicionado a aquilo que pode ser relacionado aos ritos, costumes e hábitos europeus. Exemplo disso, aconteceu na rejeição das indumentárias por de determinados docentes que vestiram e alunos que participaram da roda de capoeira.

Tivemos numa delas, um técnico administrativo que trajou roupa da Orixá, que na Umbanda se manifesta como Exú – o abre caminhos – talvez uma das mais estigmatizadas, justamente, pela falta de conhecimento e pela propagação de informações sem fundamentos a seu respeito. Outro aluno vestiu-se representando a entidade Cigano. Ambos trouxeram para o evento a componente religiosa que representa toda a negritude afro-brasileira. No evento, vesti-me com roupa de festa de origem africana, para representar a religiosidade do provo negro.

Figura 02. À esquerda jogo de capoeira entre os alunos. À direita roupas de festejos ritualísticos africanos.



Fonte: acervo do autor.

Essa atitude de representação da fé afro-brasileira, casou em determinados colegas que professam a chamada “fé cristã”, repulsa e rejeição. Fato que expõe um problema grave: o da alteridade condicionada, ou seja, me constituo com o outro e me reconheço pelo seu olhar, respeito suas características advindas de sua origem quilombola em partes, pois quando se trata de sua religiosidade, essa constituição é condicionada.





Nota-se a que os cultos afro-brasileiros, seus ritos, mitos e representações não são aceitas no ambiente escolar. História, cultura e, conseqüentemente, as identidades religiosas afro-brasileiras são marginalizadas, mediante a elevação do culto europeu cristão em detrimento aos cultos originariamente de raízes afro-brasileiras.



3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluimos com isso, que a comunidade quilombola sofre preconceito religioso, oriundo daqueles que deveriam – por juramento – constituir, acolher, instruir, de forma laica, haja vista que esta é uma característica de nossa nação. No entanto, o que se nota é que docentes e alunos da referida escola, como rotineiramente em nosso país, sofre com a intolerância, arbitrariedade e autoritarismo daqueles que pregam o amor e praticam o ódio.

Nota-se que apesar de existirem profissionais que assumem o seu papel de formado na íntegra, há ainda muitos que colocam a escola em descompasso com a afirmação de Leopoldino e Chagas: “A escola apresenta-se como uma das mais importantes instituições sociais por fazer, a mediação entre o indivíduo e a sociedade” (2012, p. 04).

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei n. 9.394**, de 20 de novembro de 1996. Acervo do autor. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm.

_____. **Lei n. 10.639**, de 09 de janeiro de 2003. Acervo do autor. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm.

_____. **Lei n. 11.645**, de 10 de março de 2008. Acervo do autor. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/11645.htm.

ELIAS, L. M. Como escrever um bom relato de experiência em “Implantação de sistema de informação de custos no setor público”. Anais do Seminário Regional de Informação de Custos e Qualidade do Gasto no Setor Público. I **SEMEREQ – CQ**. FIEPA, 2014. Disponível em <http://www.socialiris.org/gerenciador/imagem/arq53274b08b8ec8.pdf>. Consulta em 23 de abr. 2016.

FREIRE, F. F. da S.; BARROS, A. E. A. “Roupa boa, santo Bom”: luxo, mudanças e trocas simbólicas. **Anais do XIV Simpósio Nacional da ABHR**. Juiz de Fora, Mg, 15 a 17 de abr. 2015





LEOPOLDINO, E. R.; CHAGAS, A. S. de L. **Relato de uma experiência maculelê: vivências e saberes de um corpo brincante.** Disponível em http://educonse.com.br/2012/eixo_07/PDF/19.pdf. Acesso em 16 de dez. 2017.

SANTOS, I. P. **Capoeira: educação e identidade étnico-cultural em grupos/academias da cidade de Salvador-BA.** Disponível em http://www2.uefs.br/sitientibus/pdf/30/capoeira_educacao_e_identidade.pdf. Acesso em 16 de dez. 2017.



Recebido em 10 de dezembro
Aprovado em 16 de dezembro

Sobre o autor



licenciado em História. Docente das disciplinas de História e Geografia na Escola Estadual Quilombola Maria de Arruda Müller. Secretaria Estadual de Educação do Estado de Mato Grosso. Santo Antônio do Leverger (MT). Gastrônomo com vasta experiência na área da gastronomia. prof.sidneyoliveira@hotmail.com

